

## GOETHE EM TRADUÇÃO VERNÁCULA (GOETHE in portugiesischen Uebersetzung)

Lauro Justus

"FAUSTO", a obra máxima da literatura de língua alemã, fulguração suprema do gênio de Goethe, constitui um poema de rara beleza e representa um patrimônio cultural que honra a inteligência humana. "Fausto" baseia-se na velha lenda germânica do sábio decrépito que vendeu sua alma ao demônio a fim de fruir uma segunda juventude; esse bem lhe foi concedido, mas à custa de quanta desgraça alheia! Margarida, sua amante, envenena a própria mãe, mata seu filho, vê morrer seu irmão, e enlouquece, finalmente.

Esse é o substrato básico da obra, o pretexto romântico, pois na realidade o poema, que levou de 1773 a 1832 para ser composto, representa um verdadeiro repositório das experiências e das idéias morais e científicas do autor; é inçado em muitos trechos, como no "Sonho da noite de Walpurgis" e na "Segunda Parte", de um simbolismo de tal maneira obscuro que, ainda hoje, os seus exegetas não conseguiram destrinchá-lo.

Não é o poema em si que iremos dirigir a nossa atenção, pois para interpretá-lo, ou criticá-lo, falemos conhecimentos; pretendemos, unicamente, comparar duas traduções do "Fausto" para a língua portuguesa, uma delas, a mais antiga, de Castilho e a outra, mais recente, de Jenny Klabin Segall. A primeira surgiu em Portugal nos fins do século passado e a segunda foi editada em São Paulo há cerca de 8 anos.

Castilho, segundo deixa claro no prefácio de sua obra, não conhecia a língua germânica e fundamentou o seu trabalho na tradução que seu irmão, José Feliciano, fizera do poema. Esta tradução, embora fiel e mais ou menos literal, era pobre em recursos literários, mas teve o condão de inspirar o grande literato português a elaborar uma nova tradução, mais afastada, talvez, do texto original, porém igualmente impregnada do espírito goetheano e muitíssimo mais rica em conteúdo artístico. Castilho realizou uma verdadeira transplantação do poema para a língua portuguesa e que, não obstante o seu desconhecimento do idioma alemão, redundou em magnífico trabalho literário, reconhecido como digno do original.

Jenny Klabin Segall, a quem a literatura brasileira fica a dever nova tradução do "Fausto", editou a sua obra em 1949, quando todas as nações civilizadas preparavam-se para comemorar condignamente o segundo centenário do nascimento de Goethe, ocorrido naquele ano. Como diz Sérgio Buarque de Holanda, no prólogo da tradução, existem para o tradutor dois caminhos: "ou este seguirá todos os aspectos formais do texto, inclusive ritmo e metro, ou procurará interpretar esse ritmo segundo as próprias inclinações e segundo o gênio e as convenções familiares da língua da tradução."

Como se observa, as duas traduções que ora comparamos apresentam cada uma as suas particularidades, pois pertencem a duas escolas, si assim se poderia dizer, de técnica interpretativa: a tradução do espírito da obra, do seu sentido, fugindo embora ao texto primitivo, e a transposição desse espírito, vasado todavia na mesma roupagem material das palavras e versos utilizados pelo autor.

Analisemos diversos trechos do poema, no seu texto original e nas duas traduções que ora apreciamos.

Na Dedicatória da tragédia de Goethe, em seus dois últimos versos, diz o vate, voltando aos dias de sua mocidade:

Was Ich besitze, s'h'Ich wie im Weiten,  
Und was verschwand, wird mir zu Wirklichkeiten."

cujas soluções interpretativas, foram, para Segall:

"O que possuo vejo ao longe, estranho,  
E real me surge o que foi antanho."

e para Castilho:  
"O que foi, torna a ser. O que é, perde existência,  
O palpável é nada. O nada assume essência."

Esses dois versos caracterizam bem a orientação de ambas as traduções: a primeira, embora esmerada e poética, prende-se mais estreitamente ao texto de Goethe, ao passo que a segunda constitui uma transposição livre do sentido dos versos, a qual nada lhes tira em beleza.

Dado esse exemplo preliminar e elucidativo, vejamos uma trecho mais extenso: no "Prólogo no Teatro", quando concentram o Diretor, o Poeta-Teatral e o Bôbo, discorre o poeta:

"So gib mir auch die Zeiten wieder,  
Da Ich noch selbst im Werden war,  
Da sich ein Quell gedraengerter Lieder  
Ununterbrochen neu gear,  
Da Nebel mir die Welt verhüllten,  
Die Knospe Wunder noch versprach,

Da Ich die tausend Blumen brach,  
Die alle Taeler reichlich füllten.  
Ich hatte nichts und doch genug:  
Den Drang nach Wahrheit und die Lust am Trug.  
Gib ungebaendigt jene Triebe,  
Das tiefe, schmerzenvolle Glück.  
Des Hasses Kraft, die Macht der Liebe,  
Gib meine Jugend mir zurück!"

cujo texto foi assim traduzido por Segall:

"Pois restitue-me os tempos santos,  
Em que me formava eu, ainda,  
Em que um tesouro de aures cantos  
Da alma me fluia em fonte infinda,  
Do mundo um véu cobria os males,  
Milagres a alva prometia,  
Em que as mil flores eu colhia  
Que enchiam com fartura os vales.  
Nada tinha e o bastante me era,  
O anelo da verdade e o gôsto da quimera."

Dá-me de novo o flâmco ardor,  
O imo êxtasis, pungente e rude,  
A força do ódio, o afan do amor,  
Sim! restitue-me a juventude!"

e por Castilho:

"Já vão longe os meus tempos de novico,  
manancial de cânticos perenes,  
ignorância do mundo, inexperiência  
que num botão de flor Edens previa.  
Então sim, que topava em cada vale  
e tinha tanto! : o anelo da verdade,

cubica d'ilusões. Oh! restitue-me  
esses d'outrora indômitos impulsos:  
a dita agri-dulcíssima; a energia  
do aborrecer, do amar. Oh! restitue-me,  
se podes, restitue-me a mocidade!"

Nesse trecho mais longo poder-se-á observar com mais precisão no que diferem as duas versões: Segall prende-se às palavras do vate alemão em cada um de seus versos, conservando-lhe a rima e o metro, trabalho ingente para quem deseja conservar-lhe igualmente a espontaneidade e o encanto; note-se que até o número de sílabas dos versos é idêntico, são todos versos octosílabos. A tradução livre de Castilho, indiscutivelmente mais poética que a primeira, foge-lhe contudo à forma literal, apreende apenas o sentido dos versos de Goethe e os transpõe em belíssimas estrofes portuguesas.

No "Prólogo no Céu", em seus últimos versos, Mefistóteles ironiza com o Altíssimo:

"Von Zeit zu Zeit seh'Ich den Alten  
gern,  
Und hüte mich, mit ihm zu brechen,  
Es ist gar hübsch von einem grossen  
Herrn,  
So menschlich mit dem Teufel selbst  
zu sprechen."

Segall usa esses versos:

"Vejo, uma ou outra vez, o Velho com  
prazer,  
Romper com Ele é que seria errôneo."

E; de um grande Senhor, louvável proceder

Mostrar-se tão humano até p'ra casa o demônio."

Castilho assim interpretou:

"E está bem conservado. Não desgosto de o ver de vez em quando. O meu sistema

de não quebrar com ele inteiramente, mesmo assim, não é máo. Tamanho vulto

conversar tanto à mão co'um diabrete não é leve honraria."

O tradutor português fugiu, mais marcadamente desta vez, da forma literal germânica.

Na "Primeira Parte", da tragédia, Wagner, criado do Dr. Fausto e seu emulo na sede de conhecimentos, assim se exprime, após haver o seu patrão associado as suas ânsias espirituais, para o alto, com o vôo dos pássaros:

"Ich hatte selbst grillenhafte Stunden,  
Doch solchen Trieb hab'Ich noch nie empfunden."

Man sieht sich leicht an Wald und Feldern satt;  
Des Volgels Fittich werd'Ich nie beneiden."

Wie anders tragen uns die Geistesfreuden

Von Buch zu Buch, von Blatt zu Blatt!  
Da werden Winternächten hold und schoen,

Ein selig Leben waermet alle Glieder.  
Und ach! entrollst du gar ein würdig Pergamen,

So steigt der ganze Himmel zu dir nieder."

o que, transfundido por Segall, assumiu esta forma:

"De horas estranhas tenho sido a prêsã.  
Mas jamais de ânsias desta natureza.  
Cansa ver lagos, campos, o pinhal,  
As azas da ave não são minha escolha.  
Melhor nos leva o gôzo espiritual  
De livro em livro, fôlha em fôlha!  
Noites de inverno, então, se encham de encanto."

Ditosa vida aquece-nos o abrigo;  
E se abres ainda um pergaminho santo,  
Todo o céu desce a ter contigo."

Castilho deu-nos, do mesmo trecho, a seguinte brilhante tradução:

"Quimeras, eu também tenho sonhado;  
mas dessa casta nunca. Isto de campos  
depressão me enfastia; o ser alado  
para quem gosta será bom, concedo,  
mas eu não tenho inveja ao passerado.  
Tem lá comparação co'os gôzos d'alma  
do que anda a viajar de livro em livro  
e de página em página! Há delícia  
para alegrar no inverno as seroadas  
como isto, que até dá calor aos mem-  
bros?"

Desenrolando um nobre pergaminho,  
parece-me que a bemaaventurança  
tôda se embebe em mim."

Finalmente, um último vislumbre sobre esta obra prima da cultura alemã.

Na mesma "Primeira Parte", dialogam Fausto e Mefistóteles; este último lembra ao primeiro que, na terra, ele é o servidor, mas no outro mundo ele será servido:

"Ich will mich hier zu deinem Dienst verbinden,  
Auf deinen Wink nicht rasten und nicht ruhn;

Wenn wir uns drüben wiederfinden,  
So sollst du mir das Gleiche tun."

Na tradução da poetisa brasileira ocorrem estes versos:

"Obrigó-me, eu te sirvo, eu te secundo,  
Aqui, em tudo, sem descanso ou paz;  
No encontro nosso, no outro mundo,  
O mesmo para mim farás."

E Castilho assim os sentiu:

"Obrigó-me a servi-lo em tudo e à risca  
enquanto vivo for, sem cansar nunca.  
Depois, quando lá em baixo nos toparmos  
trocamos os papéis."

Em conclusão: nenhuma das traduções que acima consideramos desmerece o poema de Wolfgang von Goethe, mas conservam, entretanto, cada uma delas características próprias: a tradução brasileira, de Jenny Klabin Segall, mais pobre em beleza poética e polimento literário, mais rica, porém, em fidelidade, e o traslado de Castilho, verdadeira adaptação do "Fausto" ao espírito da língua portuguesa, prenhe de poesia e graça vernácula.

X X X

Termina aqui o nosso desprezencioso trabalho de análise comparativa, cujo mérito único é o de relembrar esse expoente da literatura clássica universal, o maior gênio da culta Alemanha, esse humanista completo que foi Wolfgang von Goethe.